

A ETNOBOTÂNICA NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE PIRENÓPOLIS, GOIÁS: DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA REGIÃO

Josafá Carlos de Siqueira SJ*

Abstract

The present work aims to present the process of social and cultural transformation at the municipal district of Pirenópolis, state of Goiás, Brazil, associated with the new cultural agents of the region and with the local ecotourism. In this context, the ethnobotany reappears as a important mediation for the sustainable development of the county, offering subsidy for the utilization of the resources of biodiversity from the ecosystem cerrado. With the researches realized, the author shows that the extractivism, and the local cerrado plants fruit and medicinal use have been growing significantly on the last years, thus opening new perspectives for the construction of the process of sustainability of the municipality.

Resumo

No presente trabalho, o autor analisa o processo de transformação sócio-cultural do Município de Pirenópolis, Estado de Goiás, associado aos novos agentes culturais da região e ao ecoturismo local. Neste contexto a etnobotânica reaparece como uma mediação importante no desenvolvimento sustentável do município, oferecendo subsídio para o aproveitamento dos recursos da biodiversidade do ecossistema cerrado. Nas pesquisas realizadas, o autor mostra que o uso, o extrativismo e o aproveitamento frutífero e medica-

* Professor do Departamento de Geografia e Meio Ambiente da PUC-Rio; Curador do Herbarium Fri-burgense e Pesquisador visitante do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.
Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 398, Gávea – 22451-041 – Rio de Janeiro, RJ.
E-mail: josafa@geo.puc-rio.br

Pesquisas	Botânica	Nº 51	2001	p. 157-167
-----------	----------	-------	------	------------

mentoso das plantas do cerrado local cresceram significativamente nos últimos anos, abrindo, assim, novas perspectivas para a construção do processo de sustentabilidade do município.

Introdução

A revalorização da etnobotânica está muito condicionada aos processos de transformações sócio-culturais de uma comunidade regional, sobretudo pela ação diversificada dos agentes que participam do desenvolvimento sustentável da sociedade local.

A retomada de antigos saberes de culturas passadas e a incorporação de novas práticas no uso das plantas, tem possibilitado a revalorização da etnobotânica em muitas regiões do Brasil, abrindo caminhos para um melhor aproveitamento e conservação dos ecossistemas.

O presente estudo tem como objetivo mostrar esta realidade em um município do Estado de Goiás, onde estas modificações sócio-culturais vêm revalorizando a etnobotânica local.

Localizada cerca de 150 km de Brasília e 120 km de Goiânia, com uma altitude de 740 metros acima do nível do mar, a cidade de Pirenópolis, é considerada o berço da cultura goiana, constituindo atualmente um polo turismo importante no Estado de Goiás. Fundada em 1727 por bandeirantes que procuravam ouro no interior do Brasil, ela foi aos poucos constituindo um ponto de referência dentro da antiga província de Goiás. Marcada pelo pluralismo das culturas portuguesa, africana e indígena, e circundada pelos ecossistemas cerrados, campos rupestres e matas ciliares, a cidade de Pirenópolis, antiga Meia Ponte, sempre conservou traços etnobotânicos significativos, tanto no âmbito da cultura popular como da classe média letrada, sobretudo dos antigos médicos e farmacêuticos que ali viveram. O uso de plantas foi sempre uma realidade na comunidade local, diminuindo nos últimos anos pela expansão da alopatia, embora a cultura popular tenha conservado alguns usos tradicionais de plantas, sobretudo de espécies dos cerrados.

Pela localização geográfica, próxima às capitais, Brasília e Goiânia, como também pela descoberta de seu potencial ecoturístico, Pirenópolis vem sofrendo nos últimos quinze anos muitas transformações sócio-culturais. Além da população local e os transeuntes do turismo, a cidade conta também com a participação de comunidades alternativas, formadas por profissionais de várias áreas do conhecimento científico que, procurando uma qualidade de vida mais humana e sustentável, ali se instalaram. Tendo como princípio ético a maior integração do homem com a natureza, estas comunidades alternativas estão aos poucos revitalizando a etnobotânica local, incorporando no comércio da cidade o uso de plantas, algumas já conhecidas pela comunidade tradicional e outras recém introduzidas.

O presente trabalho pretende mostrar as principais espécies vegetais que estão sendo atualmente valorizadas pela comunidade local, como também aquelas que apresentam um potencial etnobotânico. Abordaremos apenas as espécies de cerrados e campos rupestres utilizadas como medicinais e alimentícias. Falaremos também dos aspectos relacionados com a educação ambiental e as perspectivas futuras de desenvolvimento etnobotânico sustentável para o município de Pirenópolis, GO.

Metodologia de trabalho

O método empregado no presente estudo consistiu em coletas das principais espécies utilizadas como medicinais e frutíferas comestíveis, em diferentes áreas de cerrados e campos rupestres do município de Pirenópolis, GO. As plantas foram identificadas e conservadas nos acervos do Herbarium Friburgense (FCAB). As informações sobre uso das espécies foram obtidas dos moradores de bairros centrais e periféricos da cidade, como também dos pequenos comerciantes e vendedores de plantas. Esta pesquisa foi realizada entre os anos 1992 e 1999, período em que as transformações sócio-culturais foram mais significativas no município.

A consulta bibliográfica foi importante tanto para a identificação do material botânico, como para a certificação de alguns usos e nomes populares.

Potencial etnobotânico e uso das espécies

O potencial etnobotânico de Pirenópolis pode ser compreendido nos aspectos medicamentosos, frutíferos e ornamentais, embora no presente trabalho abordemos apenas os dois primeiros. Mesmo aparecendo algumas espécies das matas ciliares, como o jatobá-da-mata (*Hymenaea courbaril*), a maioria são plantas que fazem parte dos ecossistemas cerrados e campos rupestres.

Quanto ao potencial medicamentoso, estudos realizados por Siqueira (1988) mostram que existem cerca de 80 espécies de cerrados utilizadas na medicina popular. Somente numa região de cerrado na cidade de Pirenópolis, denominada Morro-do-Frota, Siqueira (1990) encontrou 39 espécies que são consideradas na literatura como plantas medicinais. Mais tarde, estudos mais detalhados, realizados por Almeida et al. (1998) apresentaram 110 espécies úteis dos cerrados. Rizzo et al. (1998) realizaram levantamentos de plantas medicinais nos municípios de Goiás e Pirenópolis, onde encontraram 121 espécies, incluindo nativas e exóticas cultivadas.

No presente estudo, com base nas informações obtidas e coletas realizadas em diferentes áreas de cerrados e campos rupestres na cidade de Pirenópolis, apresentamos 32 espécies, que são as mais utilizadas como plantas medicinais dos cerrados, cerradões e campos rupestres. Certamente não estão incluí-

das as inúmeras espécies exóticas utilizadas na medicina popular local, como mostra o trabalho de Rizzo et al. (1998).

Segue a relação das espécies medicinais mais utilizadas na cidade:

Baccharis trimera (Less) ADC – Carqueja. Folhas e caule utilizados como diurético e digestivo, tanto nas casas de famílias como no comércio local. *Casearia silvestris* Sw. – Café-do-diabo. Folhas e raízes empregadas nas moléstias de pele e depurativas de sangue, principalmente nas casas de famílias mais pobres.

Centrosema bracteosum Benth. – Rabo-de-tatu. As raízes, depois de maceradas e batidas em copo com água, são usadas em problemas de fígado. Estas são encontradas em casas de famílias tradicionais e nas feiras livres.

Cissus scabra Baker – Uva-do-campo. Raízes maceradas usadas para eliminar verrugas. Uso muito restrito.

Copaifera langsdorfii Desf – Pau-d'óleo, copaiba. O óleo é empregado como estimulante e no combate de bronquites, sendo vendido no comércio.

Croton antisiphiliticus Mart. – Pé-de-perdiz. As garrafadas de folhas e raízes são vendidas para combate aos miomas.

Davilla rugosa Poir – Cipó-cabloco, lixeirinha. As folhas, em infusão, são empregadas em banhos externos contra inchaço e furúnculos.

Eugenia dysenterica DC. – Cagaiteira. As folhas são utilizadas no combate das diarreias, uso muito comum nas famílias mais pobres que vivem próximas às áreas de cerrados.

Gomphrena arborescens L.f. – Paratudo-erva. Os sistemas subterrâneos lenhosos são utilizados como febrífugos, principalmente pela população da zona rural.

Hancornia speciosa Gomez – Mangaba. A infusão da casca é empregada em banhos curativos de algumas doenças de pele.

Hymenaea stilbocarpa Mart. e *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne. – Jatobá. Tanto a primeira espécie, encontrada nas matas, como a segunda, ocorrente nos cerrados, são utilizadas na medicina popular. A resina do caule é empregada na cura de bronquites e asma; a seiva do caule é utilizada como digestiva e também como fortificante. Resina e seiva são encontradas no comércio e feiras livres da cidade.

Helicteres ovata Lam. – Saca-rolha. O chá das raízes é utilizado como depurativo; a infusão das flores é empregada em banhos para amolecer furúnculos. Na cidade o uso é bastante restrito.

Jacaranda brasiliana Pers. – Carobinha. A infusão das folhas é empregada na cura de reumatismo, sobretudo pelas famílias mais pobres.

Kielmeyera coriacea (Spr) Mart. – Pau-santo. A infusão das folhas é empregada em banhos para amolecer furúnculos.

Lychnophora ericoides Less. – Arnica. O uso da arnica é bastante tradicional na cidade, onde no passado a espécie ocorria com maior frequência,

nas áreas de campos rupestres. A arnica continua hoje sendo bastante utilizada pela comunidade local, sobretudo a infusão da planta em álcool, empregada em machucados, contusões e picadas de insetos.

Memora nodosa Miers. – Carobinha-do-campo. A infusão de caule e folhas é utilizada por algumas famílias no combate de feridas e úlceras externas.

Miconia albicans (Sw) Tr. – Quaresma-falsa. Na tradição das famílias mais antigas aparece o uso de chá, feito das folhas, como auxiliar digestivo.

Oxalis hirsutissima Mart. et Zucc. – Azedinha-do-campo. Nas fazendas próximas à cidade, algumas famílias fazem gargarejos da planta para combater as inflamações de garganta.

Palicourea xanthophylla M. Arg. – Douradinha-do-campo. Folhas e caule usados como diuréticos. Esta planta é bastante utilizada na cidade, tanto no comércio como nas casas de famílias.

Pterodon emarginatus Vog. – Sucupira-branca. O óleo amargoso das sementes, depois de maceradas e misturadas com água, é empregado como gargarejo nas inflamações de garganta. Nas casas de famílias e no comércio local é comum encontrar as chamadas favas de sucupira.

Qualea grandiflora Mart. e *Qualea parviflora* Mart. – Pau-terra. O pó da casca do caule é utilizado como antisséptico, sobretudo por famílias da zona rural.

Rudgea virburnioides (Cham.) Benth. – Congonha. O chá da planta é utilizado nas doenças renais. No comércio local a planta pode ser encontrada em embalagens de sacos plásticos.

Simarouba versicolor St. Hil. – Pé-de-perdiz, paraíba. Na tradição da cidade consta que o uso da casca era empregado, no passado, como febrífugo.

Stryphnodendron adstringens Mart. – Barbatimão. Nas antigas fazendas próximas à cidade, a casca do caule dessa espécie era utilizada para banhos em feridas externas, como um eficaz cicatrizador. Atualmente, no comércio local, são vendidas as garrafadas da planta para combate de inflamações de útero e ovário.

Tabebuia caraiba (Mart.) Bur. – Ipê-amarelo-do-campo, caraíba. Nas antigas vendas ou armazens da cidade, recomendavam misturar as raízes dessa espécie com vinho ou cachaça, para combater gripes. Na feira da cidade a casca é vendida como diurética.

Vernonia elegans Gardn. e *Vernonia ferruginea* Less. – Assa-peixe. Estas duas espécies são utilizadas, por algumas famílias mais pobres, como digestivas e diuréticas.

Xylopia aromática (Lam.) Mart. – Pimenta-de-macaco, pindaíba. Embora bastante comum nos cerrados da cidade, o uso medicinal da espécie é pouco conhecido. Apenas alguns moradores mais antigos dizem ter utilizado o chá dos frutos no combate de gases intestinais e também como estimulante.

Zanthoxylum rhoifolium Lam. – Mamica-de-porca. Moradores tradicionais da cidade lembram que, no passado, se fazia suco das folhas para combater dores de dentes e ouvidos.

Zeyhera digitalis (Vell.) Hoehne – Bolsa-de-pastor, mandioquinha-do-campo. Conta-se que, quando no passado aumentavam os casos de sífilis na cidade, muitas pessoas recomendavam o chá da casca do caule para combater a doença. Atualmente famílias mais pobres dizem que a infusão das raízes é também um bom remédio para combate às moléstias da pele.

A comunidade mais antiga da cidade continua o hábito tradicional de comer os frutos dos cerrados sobretudo nos períodos em que estão maduros, ou seja, nos meses de outubro a novembro, dezembro e janeiro. Os novos agentes sociais que agem na cidade conservam os frutos por período maior e ampliam seus usos através de técnicas simples e caseiras.

Os frutos comestíveis dos cerrados e cerradões mais utilizados pela população local, são de 18 espécies vegetais:

Anacardium humile Mart. – Cajuzinho-do-campo. É uma espécie bastante comum nos cerrados de Pirenópolis, sendo seus pseudofrutos utilizados para a confecção de doces caseiros, sucos e geléias. Hoje, mais do que em outras épocas, nas casas de famílias e no comércio local é possível encontrar, durante todo o ano, os doces de caju conservados em vidros. Recentemente começou a prática de fazer geléia caseira com polpas de cajuzinho-do-campo.

Annona crassiflora Mart. – Araticum-do-campo, marolo. Encontrado nos cerrados e cerradões da cidade, esta espécie ainda é pouco utilizada pela comunidade. As pessoas que vivem em áreas mais próximas aos cerrados conservam o hábito de coletar os frutos e deixá-los amadurecer para depois consumir. Às vezes se encontra no comércio local o doce feito com este fruto.

Attalea exigua Drude – Catolé. Embora esta pequena palmeira dos cerrados produza frutos, cujas amêndoas poderiam ser comestíveis o grande uso que a população local faz da espécie consiste no palmito amargo. Com o crescimento do turismo e a necessidade de manter os pratos típicos da cidade, sobretudo a famosa empada de Pirenópolis, que tradicionalmente leva catolé guero ou guariroba, aumentou consideravelmente nos últimos anos o consumo do palmito dessas palmeiras.

Bactris glaucescens Drude – Tucum. Licores feitos com os frutos desta palmeira podem ser encontrados no comércio local.

Brosimum gaudichaudii Trec. – Mamacadela, cerinha. Os pequenos frutos desta espécie são pouco utilizados na alimentação da população local. Quando maduros, são mais apreciados pelas crianças por seu caráter semelhante aos chicletes.

Byrsonima verbascifolia Rich. – Murici. Embora seja uma espécie bastante freqüente nos cerrados da região, a população utiliza muito pouco seus fru-

tos. Antigamente o uso dos frutos na cachaça, para dar sabor, era mais freqüente. Atualmente podemos encontrar, em algumas casas de comércio da cidade, vidros de licores feitos de murici.

Campomanesia pubescens (DC.) O. Berg., *Campomanesia cambessedesiana* O. Berg. – Gabiroba ou guabiroba. É uma frutífera bastante comum nos cerrados da cidade. O consumo dos frutos é mais freqüente nos meses de outubro e novembro. Algumas pessoas recolhem seus frutos para o consumo doméstico e outras para a venda na margem das estradas e nas feiras.

Recentemente temos observado uma tendência na cidade de ampliação no uso dos frutos da gabiroba, tanto para o fabrico de geléias como para os saborosos sucos batidos em liquidificadores.

Caryocar brasiliense Camb. – Pequi, piqui. Este é certamente o fruto dos cerrados mais consumido na cidade. No passado, o uso do pequi misturado com arroz, com farinha ou com frango, era comum nas casas das famílias pirenopolinas, só nos períodos da sazonalidade frutífera, sobretudo nos meses de novembro, dezembro e janeiro. Hoje o hábito de utilização dos frutos de pequi está bastante ampliado, pois o sistema de conserva, congelamento e comercialização possibilita consumi-los em qualquer época do ano. Nas famílias e no comércio local podemos encontrar pequis congelados ou em vidros de conserva, como também licores caseiros. Nos restaurantes locais os pratos feitos com pequi são facilmente encontrados.

Dipteryx alata Vog. – Barú, barata. É uma espécie muito freqüente nas áreas de cerrados e cerradões da cidade. No passado, a polpa (mesocarpo) dos frutos era mais consumida pelos bovinos nos pastos e áreas abertas de cerrados. Recentemente, as sementes passaram a ser consumidas na alimentação humana, sendo vendidas em pequenos saquinhos no comércio local.

Eugenia dysenterica Mart. ex DC. – Cagaita. O consumo dos frutos de cagaita, na cidade, é mais freqüente nos meses de outubro e novembro, ocasionalmente no início do mês de dezembro. Algumas famílias congelam os frutos maduros em sacos plásticos, utilizando-os durante todo o ano para refrescos e sorvetes. Pelo efeito laxante dos frutos, quando consumidos em maior quantidade, era costume antigo da região recomendar ao consumidor que mastigasse algumas folhas da planta, que, possuem propriedades adstringentes para controlar este efeito. Começaram recentemente a aparecer no comércio local os doces e licores de cagaita, vendidos em embalagens de vidro.

Genipa americana L. – Genipapo. Na região de Pirenópolis o genipapo ocorre nos cerrados e mata ciliares. Os frutos são utilizados sobretudo para fazer doces e licores.

Guazuma ulmifolia Lam. – Mutamba. Planta mais freqüente nas áreas de cerradões da cidade, hoje pouco consumida pela população. No passado,

as crianças tinham o hábito de chupar os adocicados frutos maduros. Este hábito vai sendo enfraquecido pelo reduzido contato das crianças com a vegetação local.

Hancornia speciosa Gomez – Mangaba. Faz parte da tradição de alguns moradores da cidade organizar passeios nos cerrados, sobretudo nos meses de novembro e dezembro, para coletar mangaba e cajuzinho-do-campo. Os frutos da mangaba, que se encontram no chão, são recolhidos e colocados para amadurecer em casa, cobrindo-os com papel ou pano. Também durante esses meses, as famílias mais pobres costumam vender os pratos de mangabas maduras na região central da cidade. Utilizam-se os frutos para fazer doces, refrescos e sorvetes.

Hymenaea stigonocarpa Mart. ex Hayne e *Hymenaea stilbocarpa* Mart. – Jatobá. O mesocarpo farináceo do fruto das duas espécies, uma da mata e outra do cerrado, é comestível, sendo usado sobretudo pelas crianças mais pobres da cidade. Ultimamente, pela riqueza de proteínas, a farinha da polpa do fruto vem sendo utilizada para a confecção de bolos caseiros em casas de famílias.

Inga spp. – Ingá. Nos arredores da cidade ocorrem várias espécies do gênero *Inga*, em áreas de cerrados e matas. A polpa adocicada que envolve a semente é utilizada na alimentação, sobretudo pelas crianças. Os frutos são algumas vezes vendidos em feiras livres e na beira de estradas.

Mauritia flexuosa Linn. f. – Buriti. Ocorre nas várzeas ou veredas da região. O fruto do buriti é utilizado para o fabrico caseiro de doces e sorvetes.

Proposta de desenvolvimento etnobotânico sustentável

No Brasil cresce a cada dia a preocupação com a Agenda 21, documento assumido durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro, em 1992. Este documento, que, a princípio, teve um caráter mais generalista, foi aos poucos sendo assimilado no plano regional e local. A tendência futura é que cada município tenha como meta a elaboração de sua Agenda 21, colaborando assim com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável no plano local e nacional.

Neste contexto é que a etnobotânica constitui uma mediação importante de colaboração para o município de Pirenópolis, GO, oferecendo subsídios concretos na elaboração da Agenda 21 local. Sendo um município com grandes potencialidades ecoturísticas, que nos últimos anos vêm mostrando sinais de crescimento e de transformações sócio-culturais, a etnobotânica pode ser uma vertente fundamental para o desenvolvimento sustentável da região. Pois constitui um eixo temático que deve estar presente no manejo dos ecossistemas locais, no planejamento ecoturístico e na educação ambiental e no aproveitamento das potencialidades naturais. Sobre os dois últimos pontos é que tentaremos apresentar uma proposta, com o objetivo, apenas, de oferecer elementos concretos para os

órgãos municipais e as iniciativas privadas que atuam como agentes sociais preocupados com a problemática.

No planejamento ecoturístico do município, que envolve áreas dos ecossistemas cerrados, cerradões, campos rupestres e matas ciliares, a etnobotânica deve constituir-se numa colaboradora no processo de educação ambiental. O pessoal que visita uma área ecoturística deve ter uma visão do contexto ambiental da área, dos elementos que a integram e interagem no espaço geográfico e deve conhecer um pouco dos processos biológicos e das riquezas da biodiversidade local. Mesmo que seu objetivo principal seja uma cachoeira – elemento da natureza comum nos arredores da cidade de Pirenópolis – o ecoturismo torna-se mais rico quando consegue pensar o espaço holisticamente, integrando a fauna e a flora. A rápida demanda do ecoturismo no município e a necessidade de ampliar os espaços potenciáveis, fizeram com que os agentes ou proprietários desses espaços não tivessem tempo de elaborar uma articulação melhor entre ecoturismo, educação ambiental e etnobotânica. Dentro do município, até o presente momento, apenas duas ou três áreas, de propriedade particular, estão fazendo um esforço de integração desses elementos. No entanto, existem muitas áreas ecoturísticas no município que poderiam trabalhar melhor esta articulação, contribuindo com a Agenda 21 local.

Por isso são necessários alguns passos, a saber:

- a) Organizar, para cada área, pequenas descrições do ambiente, indicando o tipo de vegetação e a presença de algumas espécies conhecidas da fauna e da flora local.
- b) Organizar uma pequena lista das principais espécies de plantas medicinais e produtoras de frutos comestíveis da referida área, para que o turista possa conhecer melhor a etnobotânica da região, sensibilizando-o para o valor da biodiversidade e a importância de sua preservação.
- c) Elencar alguns princípios éticos de educação ambiental, relacionados com o lixo, a conservação da fauna e da flora, o aproveitamento responsável dos recursos hídricos etc.
- d) Formar agentes multiplicadores ou guias turísticos que conheçam bem a área, que possam não só acompanhar os turistas, mas também orientá-los no conhecimento de algumas plantas medicinais e comestíveis; no conhecimento de algumas curiosidades geo-biológicas do local; e de oferecer a eles subsídios ético-ambientais de conservação da natureza e de levá-los sempre mais a uma integração holística com o espaço visitado. No que se refere ao último ponto, é importante que os turistas possam tocar ou pegar nos troncos ou folhas das plantas úteis daqueles ambientes, sem danificá-las, pois assim o conhecimento não fica apenas no plano teórico, mas atinge o nível do sensível, ajudando-os no processo de integração do espaço circundante no conhecimento empírico e na conservação da natureza. Na verdade, ninguém ama e preserva aquilo que não conhece pela razão e sensibilidade.

No que se refere ao aproveitamento das potencialidades dos recursos naturais, cremos que os setores relacionados com os órgãos municipais, bem como as pessoas, interessadas na comercialização dos produtos, poderiam aprofundar o conhecimento e através de parcerias investir na ampliação dos recursos da biodiversidade dos ecossistemas locais. Os dados hoje disponíveis, tanto os da centenária tradição cultural da cidade em utilizar espécies nativas na medicina popular e na alimentação, como os resultantes de trabalhos científicos, sobre os cerrados, constituem uma contribuição fundamental para o desenvolvimento etnobotânico sustentável do município de Pirenópolis, GO. Os trabalhos de Almeida et al. (1998), Ferreira (1973), Guarim Neto (1985), Heringer (1970), Hoehne (1979), Leitão Filho (1981), Lima (1976/1977), Pelles (1979), Silva *et al.* (1994), Siqueira (1981, 1988, 1990), Rizzo *et al.* (1998), são referências básicas para estudos regionais de plantas de cerrados com potencial frutífero e medicamentoso.

Na cidade de Pirenópolis o espaço está ainda aberto para um comércio específico ou farmácias homeopáticas, incluindo as espécies medicamentosas dos ecossistemas da região. No que se refere aos frutos nativos, a iniciativa privada, apoiada pela prefeitura, poderia ampliar a comercialização e divulgação das espécies (mais abundantes no município), com grande potencial alimentício.

Citamos alguns exemplos concretos de frutos que são abundantes na região e que poderiam ser melhor aproveitados no comércio de gêneros alimentícios (restaurantes, bares, padarias, mercadinhos etc) ou mesmo na merenda escolar das escolas municipais. Bolos e bolachas caseiras poderiam ser feitos com os frutos do jabotá e do araticum; para doces, geléias e sorvetes caseiros deveriam ser aproveitados os frutos de araticum, buriti, cagaíta, cajú-do-campo, gabirola, genipapo, mamacadela e mangaba; embora pouco utilizados, na cidade, para esses fins, as polpas dos frutos de araticum, buriti, cagaíta, jatobá, jenipapo, mangaba, pequi e murici produzem deliciosas bebidas, sob a forma de sucos, batidas e licores caseiros.

Conclusão

O potencial existente nos ecossistemas locais e as transformações sócio-culturais pelas quais o município de Pirenópolis vêm passando nos últimos anos, contribuem para uma divulgação maior da etnobotânica local, com vistas ao desenvolvimento sustentável. As tradições artísticas, literárias e religiosas do município, em associação com os novos agentes sociais, e a ampliação do ecoturismo, devem ser melhor integradas com a preservação dos ecossistemas, servindo de paradigma para o Estado de Goiás na concretização da Agenda 21.

A parceria entre iniciativa privada e órgãos municipais e estaduais, pode ser ampliada, sobretudo no que se refere ao ecoturismo, à educação ambiental e ao aproveitamento dos recursos naturais dos ecossistemas locais.

Bibliografia consultada

- ALMEIDA S.P. de *et al.* 1998. *Cerrado: espécies vegetais úteis*. Brasília, DF, Embrapa.
- BRANDÃO, M. 1991. Plantas medicamentosas do cerrado mineiro. *Informe Agropecuário*. v.16, n.168. Belo Horizonte.
- FERREIRA, M.B. 1973. Frutos comestíveis nativos do Distrito Federal (II): guabiroba, araçá, amoreira, e cajus. *Cerrado*. v.5, n.19, p.25-28. Brasília, DF.
- FILGUEIRAS, T.S. & SILVA, E. 1975. Estudo preliminar do baru (Leg. Faboideae). *Brasil Florestal*. v.6, n.22, p.33-39. Brasília, DF.
- GUARIM NETO, G. 1985. Espécies frutíferas do cerrado matogrossense. *Boletim FBCN*. v.20, p.46-50. Rio de Janeiro.
- HERINGER, E.P. 1970. O Pequi (Caryocar brasiliense Camb.) *Brasil Florestal*. v.1, n.2, p.28-31. Brasília, DF.
- HOEHNE, F.C. 1979. *Frutas indígenas*. Instituto de Botânica, São Paulo, 88 p.
- LEITÃO FILHO, H. de F. 1981. Espécies de cerrado com potencial em fruticultura. In: *Congresso anual da Sociedade Americana de Ciências Horticolas*, 29; *Congresso brasileiro de olericultura*, 21. (Resumos). Campinas, Unicamp.
- LIMA, B.C. 1976/1977. *Frutos, mamíferos, répteis, peixes, aves e abelhas melíferas do centro-sul de Goiás: uma tentativa de sistematização dos recursos de subsistência*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 71 p.
- PELLES, D.M. 1979. *Antiga e moderna culinária goiana: estudo, receituário*. 2.ed. Brasília-BH.
- RIZZO, J.A. et al. 1998. Utilização de plantas medicinais nas cidades de Goiás e Pirenópolis, Estado de Goiás. *XLIX Congresso Nacional de Botânica* (Resumos). Salvador, p.289.
- SILVA J.A. da et al. 1994. *Frutas nativas dos cerrados*. Brasília, DF, Embrapa.
- SIQUEIRA, J.C. de. 1981. *Utilização popular das plantas do cerrado*. SP, Ed. Loyola.
- _____. 1990. A vegetação de cerrado do Morro-do-Frota, município de Pirenópolis, GO, Importância econômica das espécies. *Pesquisas (Botânica)*, n.41, p.51-68.
- _____. 1988. *Plantas medicinais: identificação e uso das espécies dos cerrados*. São Paulo, Ed. Loyola.